

## DA CULTURA POLÍTICA DO ESTADO NOVO: O CONDICIONAMENTO CÍVICO

João Batista Bitencourt  
*Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC*

### Resumo

A cidade de Laguna, localizada no sul de Santa Catarina, é o palco de observação de diferentes solenidades cívicas que, segundo a historiográfica, são características da cultura política instaurada por Getúlio Vargas. Durante a gestão do prefeito Giocondo Tasso, que esteve à frente do executivo municipal durante todo o Estado Novo e desenvolveu uma administração muito identificada com os maneirismos próprios daquele regime, ocorreram em Laguna vários e diversificados momentos patrióticos que procuravam construir na população o ardor cívico à nação e a aceitação de seus “chefes” políticos. Neste artigo serão dadas a ler festas religiosas, inaugurações de obras, visitas de autoridades, datas comemorativas, nas quais o arsenal de atividades que compunham as celebrações cívico-festivas era recorrentemente utilizado.

**Palavras-chave:** Estado Novo – Solenidades – Civismo.

### Abstract

The town of Laguna, located in the south of Santa Catarina, is the setting of different civic ceremonies which, according to the historic records, are the characteristics of the political culture set up by Getúlio Vargas. During the Mayor Giocondo Tasso's government, which lasted over time the New State period and developed a kind of administration that was greatly identified with the peculiar mannerisms of those regulations, several and diversified patriotic moments took place in Laguna, trying to make the population have a civic ardors for the nation as well as accept their political “bosses”. This article shows how that arsenal of activities forming the festive-civic celebrations was repeatedly used through religious festivals, work inaugurations, visits of authorities and commemorative dates.

**Key-words:** New State – Ceremonies – Civic pride.

Na rua Jerônimo Coelho, um dos principais logradouros da cidade que ia da matriz ao cais, foi pintada uma saudação ao ilustre visitante. No dia das homenagens, estudantes uniformizados enfileiravam-se ordenadamente sobre as garrafas letras escritas no chão. “Salve General Mendonça Lima”, lia-se na composição que os estudantes alinhados montavam com seus corpos.

A presença do Ministro da Viação Mendonça Lima em Laguna, em 22 de outubro de 1938 – antes da promessa que Getúlio Vargas fez quando esteve em Santa Catarina, em 1940, de transformar o porto de Laguna no escoadouro da produção carbonífera catarinense –, representava para as autoridades públicas uma esperança na realização de seus desejos desenvolvimentistas, era a possibilidade de ver a construção do porto carvoeiro no Magalhães e as obras de viabilização da barra realizadas. A grandiosidade das homenagens encontra sentido no interesse da administração local, na expectativa de ver concretizadas as obras que, acreditava-se, levariam a cidade a um grande salto econômico. Contudo, o que se busca pensar aqui, não é o desejo de progresso da administração municipal e nem o entusiasmo que a visita de um ministro provocava em termos de prosperidade econômica para a cidade. Ou seja, a visita de Mendonça Lima serve aqui de ponto inicial para se refletir sobre uma característica da cultura política do Estado Novo que pode ser observada em Laguna durante a gestão do prefeito Giocondo Tasso.

Giocondo Tasso passou a responder pelo executivo lagunense como prefeito nomeado em 1933 e permaneceu com sua vitória nas eleições de 1936, continuando no cargo até o final do Estado Novo. Em sua longa gestão na administração pública de Laguna encontra-se um maneirismo político muito identificado com a nova modalidade de condução da política instaurada com Getúlio Vargas. Certamente muito da identificação observada respondia aos enquadramentos da engrenagem governativa estadonovista que, procurando vencer os regionalismos e estabelecer um controle do Estado sobre o território nacional, criou uma bem montada engenharia burocrática de administração pública. Interventorias, conselhos e departamentos, entre outros órgãos, forjavam uma centralização e uma padronização para a gestão pública que tinha no municipalismo seu alvo final. Para além das obrigatoriedades há, sem dúvida, adaptações espontâneas, fruto de desejos compartilhados e perspectivas comuns. Sem querer identificar o que mais pesa na situação, se submissão à estrutura governativa de Vargas ou comprometimento com os valores do regime, o fato é que Tasso desenvolvia mimeticamente em sua maneira de governar os componentes da cultura política do Estado Novo. São vários os elementos que a historiografia considera como próprios do Estado Novo verificados a administração Tasso. O empenho desenvolvimentista criando a idéia de prosperidade e de um futuro de progresso econômico; a construção de obras higienistas de preocupação eugênica, assim como campanhas que demonstravam a intenção de atuar sobre o corpo dos indivíduos e compor uma nação sadia, uma raça forte e traba-

lhadores vigorosos; a utilização da imprensa como meio de propagando do governo, criando a imagem de uma nação feliz e de “líderes” carismáticos, empreendedores e ligados diretamente às massas, forjando uma opinião pública favorável ao regime; o uso de mitologias políticas para conceber a figura do chefe de estado como pai protetor, guia ao progresso, mentor e realizador da nação “grande potência”, “chefe” racional e amoroso; encenações públicas que constituíam quadros vibrantes da nação e seus governantes e buscavam o engajamento patriótico da população; são muitas as características das maneiras de governar de Giocondo Tasso que podem ser vinculadas aos elementos da cultura política do Estado Novo.<sup>1</sup>

Poder-se-ia pensar que a maneira como se conduziu a recepção a Mendonça Lima em 1938 tenha sido algo exclusivo, por tratar-se da visita de uma personalidade política nacional com poder de tornar realidade melhorias que poderiam colocaria a cidade no ritmo do progresso. No entanto, em março de 1942, Mendonça Lima esteve novamente em Laguna, desta vez para averiguar o andamento do conjunto de obras da barra e do porto carvoeiro e, repetindo-se o que ocorrera na primeira visita, recebeu as mesmas honrarias; escolares, escoteiros, o Tiro de Guerra 137 e as bandas de música desfilaram pelas ruas da cidade em homenagem ao visitante. Diferentemente de 1938 o sentido das festividades desenvolvidas na segunda visita era de agradecimento, porém a forma como ambas as recepções ao ministro foram preparadas são da mesma natureza; era uma apresentação da sociedade lagunense ordenada e disciplina, em marcha ao futuro. Quando da segunda recepção a Mendonça Lima, o jornal *Sul do Estado* publicou que tal manifestação era uma demonstração do quanto o povo de Laguna era patriótico.<sup>2</sup> É justamente este sentido patriótico, a exacerbação de sentimento cívico de amor à pátria e à política estadonovista, que se busca refletir. Tasso procurava apresentar a cidade vivendo sob um espírito de comunidade, de sociabilidade participativa ao ideário nacional, exemplo de engajamento às diretrizes de Vargas. A Laguna da gestão Tasso mostrada nestas solenidades era uma cidade em festa, um povo feliz, uma sociedade harmônica, que seguia ordeira rumo ao futuro, aderindo à visão do “grande chefe”.

Na verdade, as festividades ocorridas nas visitas de Mendonça Lima não são algo inusitado. Foram bastante comuns durante a administração de Giocondo Tasso, manifestações cívico-festivas nas quais se construía a imagem ordeira e harmônica da sociedade lagunense. Exemplo dessa forma de festividade ocorrida na gestão Tasso mesmo antes de 1937, nas comemorações da Revolução Farroupilha em 1935, quando foi inaugurado o novo prédio dos Correios e Telégrafos com a presença do governador Nereu Ramos, houve uma série de solenidades que refletiam a estética cívico-militar de apresentação da sociedade, inclusive – e talvez principalmente – a civil, do governo Vargas. Crianças uniformizadas e enfileiradas carregando o pavilhão nacional, entidades civis e militares em

pelotões compondo um cortejo que marchava junto, no mesmo compasso e sob o mesmo som, para uma única direção.

Os desfiles cívicos, exaustivamente utilizados pelo Estado Novo, fornecem ricos elementos para uma leitura da sociedade brasileira e, em um sentido mais estrito, lagunense daquele momento. Deve-se atentar que não era, no entanto, a história de uma comunidade sendo contada desde o ponto de vista de sua população; tudo indica que não é exatamente correto imaginar que as paradas realizadas durante o governo Vargas possam ser entendidas como uma representação da sociedade sobre si mesma, pois elas tendem muito mais a compor-se como um espetáculo disciplinador e educador organizado pelo poder executivo.<sup>3</sup> A imagem resultante daquelas performances públicas é o ideal de sociedade preconizado pelo Estado, o tipo de organização da sociedade que pretendia o regime. Isso, contudo, não retira dos desfiles seu valor de evidência prenhe de significados para o entendimento daquele contexto social, muito pelo contrário eles são encenações cerimoniosas carregadas de sentido; como vitrines daquele universo, registram um tipo de população/nação sendo forjado. O próprio fato de ser uma visão do mundo social partida do Estado e não da sociedade já é um indicativo bastante expressivo daquele governo autoritário. Pode-se ver nos desfiles uma descrição do Brasil que o Estado Novo desejava: Pelotões uniformizados de civis e militares compondo uma massa, representavam a diversidade de uma sociedade que deveria apagar as desigualdades em nome de algo acima das diferenças, a nação. Os pelotões tinham uma única direção, o desenvolvimento, o futuro de progresso da nação, que seguiam em marcha ordenadamente enfileirados, obedecendo as regras e diretrizes de um único poder a comandá-los, o Estado, personificado no “líder”, o condutor da massa a seu destino. Assim, um único símbolo, a bandeira nacional, era permitido para estabelecer a relação de identificação da massa, que unida sob este emblema formava a nação. Como a nação deveria ser identificada pela presença do Estado e este personalizado no Presidente, o símbolo deveria identificar principalmente o “líder” a ser seguido.

Um grande número de festejos patrióticos foi realizado na cidade de Laguna durante a administração de Giocondo Tasso. Essas manifestações não se restringiam a datas cívicas que, diga-se de passagem, se multiplicaram no Estado Novo; todo e qualquer evento era transformado em exemplo de demonstração patriótica, de um disciplinar engajamento aos ideais do governo Vargas. Visita de autoridade, festas religiosas, aniversários dos chefes dos executivos, datas históricas, início e inaugurações de obras, tudo era comemorado dentro do espírito de exaltação do nacionalismo e do extraordinário esforço, que o regime se auto-atribuía, em construir a grandiosidade da nação e a melhoria das condições de vida para todo o povo. Até mesmo churrascadas eram feitas em nome da união nacional, do dever cívico e do esforço patriótico dos representantes políticos.

As ações eugênicas, com obras higienistas, assistencialismo e ginástica, também muito utilizadas pelo Estado Novo, procuravam o aperfeiçoamento do corpo dos indivíduos para compor uma nação sadia e robusta, ou pelo menos trabalhadores fortes, dispostos e ativos. Por outro lado, todo o aparato de solenidades patrióticas buscava moldar suas mentes, em exercícios de disciplina moral para submissão ao Estado, nos momentos míticos de adoração ao governo e à nação. A estrutura cerimonial desses eventos e sua intensidade pretendiam um condicionamento cívico da população, uma vez que a idéia de corporativismo estadonovista exigia que os corpos e as mentes dos brasileiros – as partes – estivessem sadios e disciplinados para que o organismo total – a nação – estivesse bem. Os ideólogos do regime concebiam a nação com apenas dois pólos, o corpo e a cabeça, o povo e o chefe, e para seu bom funcionamento o corpo deveria estar apto a reconhecer a cabeça, seguindo ordeiramente sua liderança. Assim, as celebrações cívicas destinavam-se a conquistar os corações e “curar” as mentes, combatendo o individualismo, promovendo concórdia e cooperação, a conciliação das classes e a integração social em nome da nação/Estado.<sup>4</sup>

Todas as manifestações eram parte de um aparato de convencimento da sociedade ao regime, uma espécie de doutrinação. O conjunto dessas celebrações pode ser entendido como uma forma de campanha educadora, maneiras de condicionar a participação cívica e condicioná-la, tanto que a forma de como se portar em tais ocasiões era determinada por lei. Nas cerimônias de içamento e arriamento da bandeira, ou quando essa era apresentada em marcha nos desfiles, e na execução do hino nacional era obrigatória uma atitude de respeito, ficando-se de pé em silêncio e os homens deveriam retirar os chapéus, ainda recomendava-se a todos que se deveria colocar a mão direita espalmada sobre o coração.<sup>5</sup> Além das manifestações públicas, uma série de outros esforços complementava o empreendimento de cooptação aos ideais estadonovistas. O Prefeito Tasso, por exemplo, distribuiu cem exemplares do livro *As diretrizes da Nova Política do Brasil* aos diretores de escola, intelectuais, clubes, entidades civis e carnavalescas, donos de jornais, órgãos públicos e empresários.<sup>6</sup>

O Estado Novo criou um grande número de datas cívicas e dias festivos (Dia da Raça, Dia do Município, Dia do Estado Novo, etc.), entre eles também festejava-se o Dia do Reservista, comemorado no 16 de dezembro. Tasso, afinado com a política de Vargas, transformava a passagem dessas datas em grandes momentos de celebração do regime, em exemplo do progresso e da ordem social. As solenidades seguiam praticamente o mesmo ritual em todas as manifestações, eram em geral orações ao “governo de brasilidade”, saudações aos símbolos nacionais e paradas. O Dia do Reservista, assim como o Dia do Soldado, era comemorado em Laguna com toda a ritualização própria das ocasiões de demonstração patrióticas: atos solenes, cerimoniais cívico-militares de enaltecimento do patriotismo. Os reservistas partici-

pavam de solenidades, com hasteamento e arriamento da bandeira nacional, discursos de autoridades, desfile militar, e eram obrigados a apresentar seus documentos em postos de observação. O diferencial que as comemorações do Dia do Reservista e do Dia do Soldado apresentavam com relação às demais festividades patrióticas está no envolvimento explícito que as celebrações dessas datas tinham com relação à exposição do corpo, com a estética do corpo forte e saudável. Assim, no Dia do Soldado e no Dia do Reservista, as solenidades eram acrescidas de provas desportivas que mostravam jovens robustos cheios de coragem e disposição para a vitória. Eram momentos de demonstração do gosto pela cultura física, do vigor e da pujança da mocidade mostrados nas provas de atletismo. Imagens de físicos de força e agilidade que deveriam ser associadas à solidez da nação/Estado.<sup>7</sup>

Datas históricas tradicionais eram igualmente comemoradas dentro do espírito nacionalista daqueles tempos, sempre com solenidades que se compunham de todo o arsenal cívico de demonstração patriótica. O hino e o hasteamento do pavilhão nacional, os discursos eloqüentes de louvor à pátria e de amor às “coisas” do Brasil, os desfiles de escolas, militares, entidades de classe e bandas de música, etc. Em datas como 21 de Abril e 7 de Setembro, encontrava-se a cidade sob uma ordem praticamente militar, na qual a sociedade civil também era colocada em fila e em marcha, uniformizada. Até mesmo as festas religiosas seguiam dentro da estética cívico-nacionalista e militar inclusive. Na festa de Santo Antônio, padroeiro de Laguna, de 1938, o jornal *O Albor* anunciou: “às 16 horas sairá a imponente procissão, com a assistência de todas as irmandades religiosas, Tiro de Guerra 137, Ginásio Lagunense, grupos escolares, Colégio Stela Maris e das bandas musicais.”<sup>8</sup> Se cerimônias religiosas foram revestidas de caráter patriótico e militar, deve-se lembrar que, igualmente, imagens e símbolos do imaginário católico serviram na estratégia persuasiva para tornar a nação/Estado objeto de veneração, foram utilizados como dispositivos capazes de produzir uma consciência de comunidade nacional homogênea legitimadora daquele governo. Pois, ao secularizar a simbologia da fé religiosa, permanecia o fundo de credo como resíduo de crédito aos símbolos do regime que, mitificando a figura do governante e o papel do Estado, investia na *sacralização da política*.<sup>9</sup>

Em todos os espetáculos de afirmação do regime a população era insistentemente conclamada a participar. Grandes quantidades de panfletos eram distribuídas convidando entidades e o povo em geral a tomar parte nas comemorações que eram cuidadosamente programadas e realizadas pelo poder público. Os panfletos-convites além de mostrarem a atuação da prefeitura na organização dos eventos cívicos-festivos levam a uma outra observação. Muitos já traziam as atividades que comporiam o cerimonial, já descreviam a participação de cada entidade, o que aponta para a obrigatoriedade do comparecimento delas. Ou seja, Tasso mostrava uma população engajada no ideário estadonovista, mas a adesão

não parece nada espontânea, o que reflete o caráter do regime que se dizia popular, mas que nasceu de um golpe de Estado.<sup>10</sup> A insistente chamada do público em geral para os momentos de louvação demonstra ainda o cunho educativo conferido aos cerimoniais. Para os que não tinham efetiva participação neles, os que observavam das calçadas, as celebrações cívicas eram como um teatro didático e, principalmente as paradas, eram espetáculos pedagógicos nos quais a sociedade civil e militar organizada “ensinava” ao restante da população o ardor patriótico, a ordem e o dinamismo do regime.

Na visita de Nereu Ramos no dia 14 de dezembro de 1941, o amanhecer cinzento de céu nublado daquele domingo prenunciava o mau tempo que cairia sobre a cidade. Por volta das 10:30 horas quando começou a chover, um número expressivo de pessoas abrigadas nos cafés e em suas marquises, comentava sobre os acontecimentos que presenciariam naquele dia. Para o prefeito Tasso a contrariedade da natureza poderia atrapalhar, mas não conseguiria tirar o brilho das manifestações que o poder público municipal preparara. Mesmo com chuva, não foi pequena a aglomeração, quando às 11:00 horas a carreata na qual vinha o Interventor chegou ao Grande Hotel Moderno. Aguardando em frente ao hotel, além de populares, o Tiro de Guerra 137, o grupo de escoteiros e as bandas de música União dos Artistas e Carlos Gomes. Nereu Ramos trocou cumprimentos, ouviu o hino nacional e entrou no recinto, onde a prefeitura ofereceu um almoço aos visitantes. O interventor, elogiado por ser um dos mais “laboriosos e inteligentes cooperadores da obra construtiva do Estado Novo”, estava em Laguna para inaugurar o Posto de puericultura e o estádio de futebol do Barriga Verde. Ramos ainda participou de um jantar banquete no Balneário Hotel e de um baile no Clube Congresso Lagunense, permanecendo na cidade na segunda-feira quando visitou o posto de saúde e as obras da barra e do porto. Toda a programação dos festejos noticiou o *Jornal Sul do Estado*, teve a atenção especial e a iniciativa do prefeito Giocondo Tasso.<sup>11</sup>

Assim como as paradas nas datas cívicas e nas visitas de autoridades, os inícios de construções de obras públicas e suas inaugurações eram comemorados e organizados como momentos de afirmação do regime, eram espetáculos de apresentação do progresso que o Estado Novo dizia estar produzindo. Nesses acontecimentos, sempre festivos, as autoridades públicas reunidas, muitas vezes com a presença do interventor ou de um representante, celebravam o “espírito nacionalista” das realizações e a capacidade da política do governo federal e de seus correspondentes locais, Ramos e Tasso, em promover o desenvolvimento econômico e o progresso social.

Na Laguna de Tasso tudo era motivo para comemorações patrióticas. Mesmo em datas não tão significativas eram feitos festejos cívicos nos quais repetiam-se os elementos de demonstrações nacionalistas, de construção da imagem de ordem e dinamismo do regime e do empenho e capacidade dos governan-

tes. Mostrados como hábeis administradores e defensores do bem coletivo, os chefes do executivo nos diferentes níveis tiveram vários momentos de construção e exaltação de suas “personalidades carismáticas” e “espíritos empreendedores” do desenvolvimento nacional. Retratos de Vargas, Ramos e Tasso foram descerrados em repartições públicas e sedes de entidades. Em 1938, o jornal *O Albor* noticiava a “justa homenagem” ao “chefe supremo da nação” com a inauguração de seu retrato no salão nobre da prefeitura. A solenidade ocorrida no dia 11 de junho contou, segundo o semanário, além da presença das autoridades e da imprensa, com “representantes de todas as classes sociais”.<sup>12</sup> Igualmente ao presidente, Nereu Ramos teve seu retrato inaugurado no salão nobre da prefeitura em 1939, quando dos festejos do cinquentenário da República.<sup>13</sup> Em 1941, Ramos e Tasso tiveram seus retratos inaugurados na sede da Associação dos Escoteiros. Os dois retratos ladeavam a imagem de Getúlio Vargas. J. A. Dias Barreto, presidente da associação, falou na ocasião sobre o sentido da posição em que os retratos de Ramos e Tasso foram colocados:

Identificados como estão à figura do eminente chefe nacional, Presidente Getúlio Vargas, criador e guia do Estado Novo, cooperam eles corajosamente nesta maravilhosa obra de renovação moral e material da pátria comum.<sup>14</sup>

Na exaltação dos representantes da nova ordem, um festejo comemorado em grande estilo era os aniversários dos chefes do executivo das diversas esferas. Comemoradas “patrioticamente”, as passagens dos aniversários de Vargas, Ramos e Tasso, envolviam a população em solenidades cívicas. Principalmente as escolas, o Tiro de Guerra e a associação dos escoteiros participavam de desfiles e outras homenagens e todas as repartições federais, estaduais e municipais assim como estabelecimentos privados hasteavam a bandeira nacional.<sup>15</sup> Nessas datas eram realizados churrascadas e banquetes de felicitações aos aniversariantes.

A exemplo de outros acontecimentos que eram revestidos de ardor patriótico, o 1º de Maio em Laguna era igualmente festejado com um sabor cívico nacionalista. De marco de luta e protesto em prol das causas do operariado, a data tornara-se uma demonstração da filiação dos sindicatos ao Estado getulista. Os dois mais fortes sindicatos da cidade, o Sindicato dos Trabalhadores em Paióis e Trapiches e o Sindicato dos Operários Estivadores, comemoravam o dia do trabalhador com homenagens a Vargas a seu representante local. Em 1940, o semanário *Sul do Estado* anunciou que as comemorações promovidas pelos dois sindicatos “revestiram-se de brilho incomum e de caráter altamente patriótico, como demonstra a significativa homenagem prestada ao presidente da República, Dr. Getúlio Vargas.” Nesse dia,



em sessão solene, o Sindicato dos Trabalhadores em Paióis e Trapiches inaugurou em sua sede o retrato do “grande brasileiro e benfeitor da classe”, ressaltando com ênfase “as leis sociais e o amparo que nelas encontra o operariado brasileiro, fruto unicamente da profícua administração do Dr. Getúlio Vargas”. As mesmas solenidades repetiram-se na sede do Sindicato dos Operários Estivadores.<sup>16</sup> Embora os jornais façam menção aos trabalhadores enquanto classe, esta não era entendida a partir da identidade construída pelo movimento comunista, cuja ênfase recaía na idéia de “classe operária”. O Estado Novo procurou dissolver a identidade de classe em favor de um coletivo muito mais abrangente, a idéia de nação. Estudos sobre a propaganda varguista têm mostrado que, apesar de ser freqüentemente associado a uma política trabalhista, não tinha como primordial o mundo do trabalho, ou pelo menos a justiça social para os trabalhadores. O Estado Novo idealizou um trabalhador brasileiro não condizente com a realidade do operariado, o trabalhismo ganhava notoriedade no governo Vargas em termos da formação e disciplinarização da massa operária com vistas a racionalidade do trabalho para a industrialização e o desenvolvimento econômico pretendido.<sup>17</sup> Isto implicava em uma maior valorização do trabalho que do trabalhador, trabalhar era um dever social em favor do progresso, o trabalhador era um mero “autômato moralizado”, cumpridor de tarefas dentro da racionalização da produção.<sup>18</sup> Ao que parece, é em função desse diferencial que nas alusões pelas passagens do 1º de Maio nos jornais de Laguna, encontra-se um número muito maior de referências à data como o “dia do trabalho” do que como o “dia do trabalhador”.

Paradas, inaugurações de obras, visita de autoridades e demais celebrações que eram estetizadas dentro dos padrões cívicos, se constituíam em imagens vibrantes do regime, quadros em movimento, apresentação da ordem social e da marcha rumo ao futuro de desenvolvimento que o Estado Novo pregava. Tais solenidades eram uma forma de publicidade do regime e, ao mesmo tempo, uma maneira de educação da população, incidindo sobre o dever participativo de todos na construção da nação desejada pelo “chefe” e atestando a fraternidade de uma comunidade nacional em comunhão. Ao extinguir o legislativo e criar uma bem arranjada engenharia governativa que se centralizava na figura do presidente, Getúlio Vargas estabelecia em termos institucionais o poder do Estado umbilicalmente vinculado à sua imagem, ele era o “chefe supremo”, a cabeça, e a população era o corpo que deveria seguir os desejos da mente. O prefeito Tasso representava o guia daquela pequena parte do corpo/nação e não se furtou de reproduzir toda a mística de louvação ao regime em Laguna. Criava ele a imagem de uma cidade em desenvolvimento e de um povo ordeiro, organizou uma infinidade de festas cívicas nas quais apresentava uma cidade feliz, uma sociedade harmônica, inserida na coletividade nacional, obediente aos destinos traçados pelos “chefes”.

---

## NOTAS EXPLICATIVAS

<sup>1</sup> Sobre a administração de Giocondo Tasso e sua vinculação aos princípios políticos do Estado Novo, consultar: BITENCOURT, João Batista. Estado Novo, cidade velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna. Porto Alegre. Tese (Doutorado em História) UFRGS, 2002. O presente artigo compõe-se, essencialmente, do texto encontrado no item 4, "o condicionamento cívico", do 3º capítulo, "um microcosmo da nova ordem", da referida tese.

<sup>2</sup> SUL DO ESTADO. Laguna, 14 de março de 1942. P. 01.

<sup>3</sup> Procurando ler a parada como um texto, Mary Ryan afirma que estas celebrações, ou seus relatos, configuram-se em documentação valiosa para o estudo do passado. Ao analisar a parada norte-americana, a autora, recorre a Clifford Geertz para encontrar nestas performances públicas uma espécie de narrativa que o povo conta de sua história. Neste ponto os desfiles analisados por Ryan distanciam-se dos promovidos em Laguna durante o Estado Novo. RYAN, Mary. A parada norte-americana: representações da ordem social no século XIX. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 177-209.

<sup>4</sup> Sobre a metáfora da sociedade como um corpo ver o capítulo 5, o corpo teológico do poder, de LENHARO, Alcir. Sacralização da política. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1986. P. 139-68. Para uma amostra da influência da idéia de corporativismo no pensamento dos ideólogos do Estado Novo, Francisco Campos e Azevedo Amaral, consultar o primeiro capítulo de: PARANHOS, Adalberto. O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Bom Tempo, 1999.

<sup>5</sup> LIGA de Defesa Nacional. Sul do Estado. Laguna, 12 de setembro de 1942. P. 01.

<sup>6</sup> Ofício do Prefeito Municipal de Laguna, Giocondo Tasso, ao Interventor Federal, Nereu Ramos. Laguna, 26 de março de 1943.

<sup>7</sup> COMEMORAÇÕES do Dia do Reservista. Sul do Estado. Laguna, 18 de dezembro de 1943. P. 01. DIA do Reservista. Sul do Estado. Laguna, 14 de dezembro de 1941. P. 01. DIA do Soldado. Sul do Estado. Laguna, 19 de agosto de 1944. P. 04. DIA do Soldado. O Albor. Laguna, 14 de agosto de 1938. P. 01.

<sup>8</sup> FESTA de Santo Antônio. O Albor. Laguna, 12 de junho de 1938. P. 01.

<sup>9</sup> Alcir Lenharo afirma que: "são dois os planos de auxílio que a Igreja prestou ao Estado no Brasil dos anos 30: o primeiro, de caráter mais constitucional, significou um apoio político decisivo em momentos cruciais da década; o segundo, não menos importante, relacionou-se à função milenar e indispensável de domesticação das consciências" LENHARO, Alcir. Op. Cit. P. 190.

<sup>10</sup> Segundo Maria Helena Capelato, que estudou a propaganda política no varguismo, os festejos tinham ampla participação popular, porém eram organizados pelos órgãos governamentais que obrigava a presença de vários setores da sociedade. CAPELATO, Maria Helena R.. Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998. P. 61.

<sup>11</sup> A HONROSA visita de S. Excia. Dr. Nereu Ramos e sua ilustre comitiva. Sul do Estado. Laguna, 21 de dezembro de 1941. P. 01. REPERCUSSÃO da visita do Interventor Federal Dr. Nereu Ramos. Sul do Estado. Laguna, 21 de dezembro de 1941. P. 02.

<sup>12</sup> JUSTA Homenagem. O Albor. Laguna, 19 de junho de 1938. P. 01.

<sup>13</sup> Telegrama do Prefeito Municipal de Laguna, Giocondo Tasso, ao Secretário do Interior e Justiça. Laguna 13 de novembro de 1939.

<sup>14</sup> ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros de Laguna. Sul do Estado. Laguna, 21 de junho de 1941. P. 03.

<sup>15</sup> O ALBOR. Laguna, 08 de maio de 1938. P. 01.

<sup>16</sup> COMEMORAÇÕES do dia 1º de Maio. Sul do Estado. Laguna, 04 de maio de 1940. P. 04.

<sup>17</sup> CAPELATO, Maria Helena R.. Op. Cit. 1998. P. 188-191.

<sup>18</sup> Ao analisar o "aniquilamento da condição pessoal do trabalhador" no período em questão, Alcir Lenharo comenta: "o trabalho tem valor em si, independente de quem o executa, só que a recíproca não tem valor". LENHARO, Op. Cit. P. 92.